

Aliados criticam equívocos do Governo

São os próprios correligionários do Governo que julgam incompetente a sua ação política. Parlamentares do PFL, PRN, PDC, PDS, PTB e PL, que costumam apoiar o Governo em votações na Câmara e no Senado, enumeram uma série de erros, que vão da atitude gélida da estrutura administrativa em relação aos pleitos políticos até dificuldades para se marcar meira audiência com ministros e autoridades importantes no segundo escalão.

Agora mesmo, os senadores Élcio Álvares (PFL-ES), Gerson Camata (PDC-ES) e João Calmon (PMDB-ES), os dois últimos ex-governadores do Espírito Santo, todos três fiéis aliados do Governo, fizeram indicação de dois correligionários para diretor financeiro e administrativo da Excelsa, a empresa estatal de energia capixaba, mas foram preteridos com a nomeação de uma pessoa de São Paulo, que nada tem a ver com a política do Espírito Santo.

Antigos adversários na política capixaba, os três senadores se uniram pela boa convivência que tiveram numa casa pequena como o Senado. Tanto Élcio quanto Camata ou Calmon admitem marchar aliados para as eleições de 1994 no Espírito Santo, possivelmente tendo o primeiro como candidato a governador e os outros dois à reeleição para o Senado.

Os três, conjuntamente, decidiram indicar para diretor fi-

JEFFERSON PINHEIRO



ADAUTO CRUZ



Calmon e Camata: aliados sem respaldo para indicação no Governo

nanceiro e administrativo da empresa capixaba de energia, a Excelsa, José Tasso Andrade, o quarto candidato a deputado federal mais votado no estado, o qual não foi eleito porque o PFL não atingiu o quociente eleitoral.

O indicado foi vetado pelo secretário Nacional de Energia. Até hoje, Élcio, Camata e Calmon não sabem as verdadeiras razões do voto. Consta que a razão principal estaria no fato de José Tasso Andrade ter utilizado carro oficial na última campanha eleitoral, mas explicações, de fato, não tiveram os indicadores para o voto.

Diante do dique erguido pelo secretário Nacional de Energia, o próprio indicado vetado re-

nunciou à indicação, de livre e espontânea vontade. Os três senadores se reuniram e concordaram em indicar, pela segunda vez, José Antônio Pimentel, 1º suplente da bancada do PRN na Assembléia do Espírito Santo.

Sem maiores explicações, Pimentel não foi aceito pelo secretário Nacional de Energia. Acabou prevalecendo a indicação de um paulista, que nada tem a ver com a política do Espírito Santo, Salvador Lopes, afilhado confesso de João Maranhão, apontado como segundo homem entre os que estão próximos ao ministro da Infra-Estrutura, João Santana.

Élcio Álvares não sabe explicar a razão por que o Governo age de forma tão incompetente no trato com os seus correligionários. Sabe que o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, empenhou-se com todas as suas forças para garantir o atendimento ao pleito dos senadores aliados do Governo, mas não teve sucesso. Ficou a impressão, entre os senadores governistas, de que o ministro da Justiça não conta com a necessária cobertura do presidente da República para o desempenho da complexa e difícil tarefa de coordenador político.

O senador Élcio Álvares admite que a preterição dos dois indicados, sucessivamente, criou um problema "insuportável para os três senadores do Espírito Santo". O senador capixaba sustenta que, se não fosse a dedicação, em tempo integral, do senador Marco Maciel, o Governo já teria sofrido revezes contundentes no Senado e no Congresso.